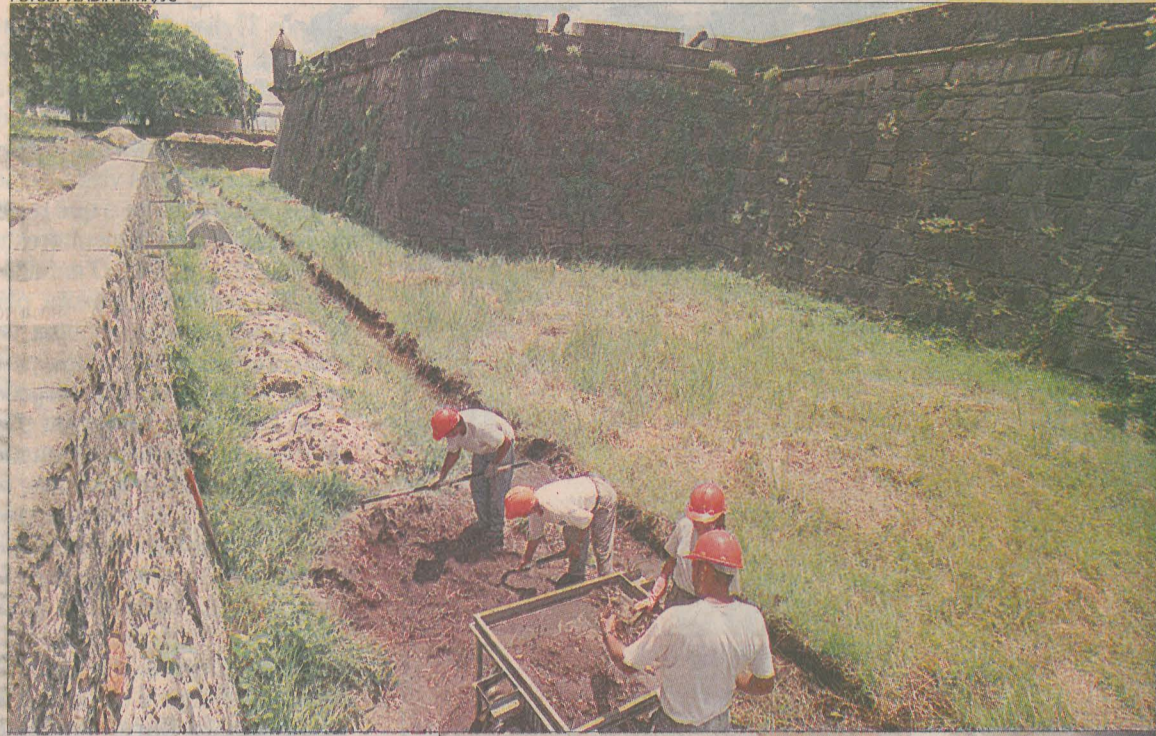


ARQUEOLOGIA Nas escavações feitas no forte foram recuperados cachimbos holandeses e portugueses, ampolas, moedas, botões, fivelas, projéteis e louças

# Fosso do Brum revela valiosas descobertas

■ ESCAVAÇÃO NO FORTE DO BRUM

FOTOS: VLÁDIA LIMA/JC



■ Pesquisadores escavam o fosso, no entorno da fortaleza, em busca de material arqueológico. Todo material encontrado é peneirado e passa por uma triagem

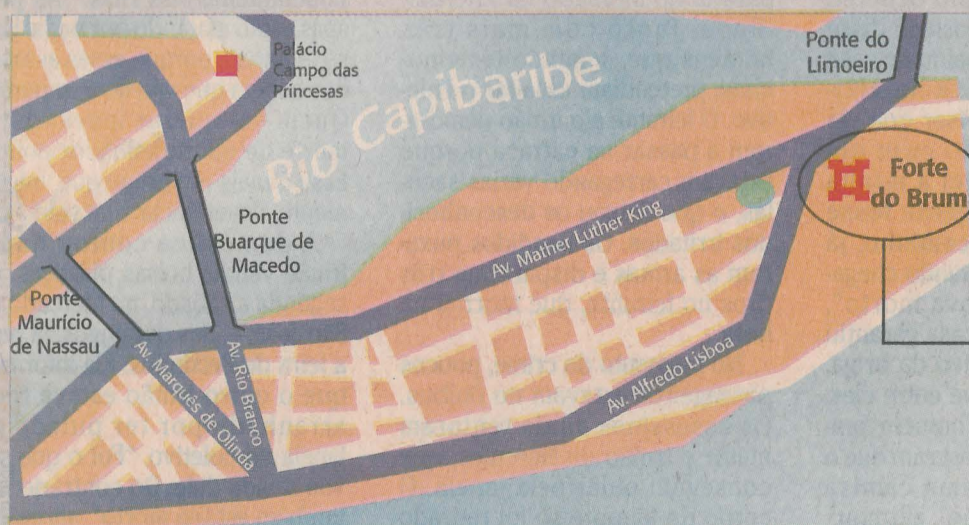
■ No laboratório de campo as peças são lavadas, recebem uma numeração e passam por novo processo de triagem, como acontece com os tijolos holandeses da foto



■ O coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, Marcos Albuquerque, já esperava encontrar uma grande quantidade de material nas escavações



■ Localize-se e visite o sítio arqueológico



■ Os trabalhos de campo dos arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco podem ser acompanhados por qualquer pessoa, de segunda a sexta-feira, no horário das 8h às 17h.

■ A histórica construção se localiza na Avenida Mather Luther King, no Bairro do Recife, logo na descida da Ponte do Limoeiro.

Uma grande quantidade de material arqueológico está sendo retirada do fosso do Forte do Brum, localizado na região portuária do Recife, por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nas primeiras escavações foram recuperados fragmentos de cachimbos holandeses e portugueses, ampolas de produtos veterinários (o forte foi usado como esquadron de cavalaria no início do século), moedas, botões, fivelas, escovas de dentes feitas com osso, projéteis de mosquete e de pistola, pedaços de louça e porcelana, tijolos holandeses, além de fragmentos de ossos e dentes de animais.

O material será analisado pela equipe de arqueólogos, ajudando a recompor o cotidiano dos ocupantes da fortaleza. "Poderemos descobrir, inclusive, informações a respeito das relações comerciais do Brasil", diz o coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE e responsável pelas escavações no Brum, Marcos Albuquerque. Ele destaca que o trabalho arqueológico não pode ser confundido com a simples recuperação de objetos curiosos. "As peças que resgatamos refletem aspectos que escapam à linguagem escrita, são elementos materiais de cultura e indicadores das condições sociais", explica.

Segundo Marcos Albuquerque, a quantidade de material encontrada no fosso era esperada. Ele pretende retirar muitas outras peças até o término das escavações, que deverão se estender pelos próximos dez dias. A equipe do Laboratório de Arqueologia, formada por vinte pessoas entre pesquisadores e operários, está trabalhando nas escavações do Forte do Brum desde o dia 10 de março. O objetivo do trabalho é identificar as várias etapas construtivas e de

ocupação do forte. Ao escavar uma tijoleira montada a galga (piso remanescente de uma edificação holandesa) na Praça de Armas o grupo alcançou o nível de ocupação flamenga.

**DESCOBERTAS** — Nada foi encontrado abaixo da tijoleira posterior a 1654, ano em que os holandeses foram expulsos de Pernambuco após 24 anos de domínio sobre os luso-brasileiros. Ainda estão sem explicações algumas construções descobertas pela equipe. Uma delas, de tijolos verticais a galga, fica na parte interna da Praça de Armas. "Não sabemos se a edificação é holandesa", diz Marcos Albuquerque. Outras duas estruturas até então desconhecidas foram encontradas do lado externo, na parte norte do fosso, voltadas para Olinda, podendo ter alguma ligação com o hornaveque, construção fortificada contígua ao Brum, que ficava naquele local.

O atual Forte do Brum passou por várias etapas de ocupação desde o século 16. Em 1595 teria existido lá uma bateria que foi palco de luta de brasileiros contra as tropas do pirata inglês James Lancaster. Entre 1629 e 1630 Diogo Paes iniciou a construção de um forte no local das ruínas dessa antiga bateria. Quando o Forte Diogo Paes se encontrava ainda no alicerce, os holandeses atacaram o Recife, tomaram a construção e instalaram uma bateria armada com seis peças de artilharia.

Logo depois, o comandante das tropas holandesas, coronel Diederik Van Waerdemburch mandou construir um forte no local dessa bateria. Hoje, os arqueólogos tentam confirmar o que dizem os livros. A atual planta do Forte do Brum é de 1762, com algumas modificações. A planta holandesa era diferente, com construções na atual Praça de Armas.

**Material está sendo analisado pela equipe de arqueólogos da UFPE**

## Laboratório instalado no forte faz análise das peças

As peças encontradas pelos arqueólogos são variadas — metal, louça, vidro, osso, cerâmica e porcelana — e podem ser associadas aos séculos 16, 17, 18, 19 e 20. Todo o material retirado é peneirado e pré-selecionado ainda no fosso, sendo levado em seguida para o laboratório de campo instalado em uma das dependências do Forte do Brum. No laboratório as peças são lavadas, recebem uma numeração e passam por uma nova triagem.

Um tratamento especial é dispensado aos materiais de ferro: eles são colocados dentro de uma solução de ácido clorídrico para retirar toda a sujeira e depois neutralizados com uma solução básica para evitar novas oxidações. As escavações no forte estão sendo realizadas com apoio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e da

Associação dos Amigos do Forte do Brum.

Essa é a terceira campanha arqueológica desenvolvida no Brum. A primeira foi realizada em 1986 pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE com apoio do Comando Militar do Nordeste e da Fundação Joaquim Nabuco. Na época foram resgatadas inúmeras estruturas arquitetônicas do forte, além de materiais de uso cotidiano. Uma segunda campanha aconteceu em 1996, quando foram descobertas seteiras e algumas estruturas de parede e de piso.

Marcos Albuquerque explica que cada campanha tem um objetivo específico. "O ideal seria fazer todas as etapas de uma só vez, mas como não temos recursos somos obrigados a fazer por partes", diz. Qualquer pessoa pode visitar as escavações, de segunda a sexta-feira, no horário das 8h às 17h.

MARIANA GUERRA/JC



HABITAÇÃO Invasores dos dois prédios da empresa Selen, em Tejiptó, alegam que não têm para onde ir

## Famílias prometem resistir a despejo

Noventa e sete famílias terão que desocupar, hoje, os dois antigos prédios da empresa de vigilância Selen, conhecidos como Torre de Babel, no bairro de Tejiptó, invadidos desde 19 de dezembro de 1997. Uma sentença expedida pela juíza Lygia Maria Valois Albuquerque de Abreu, da 13ª Junta de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, determinou a desocupação do imóvel, que é objeto de penhora para garantia de pagamento da execução da empresa. Os ocupan-

tes do local, porém, avisam que vão resistir a qualquer tentativa de despejo.

Segundo Antônio Luís de França Filho, que representa os moradores, os imóveis não têm mais condições de ser vendidos, pois estariam bastante danificados pela ação dos bandidos que, anteriormente, ocupavam o local. "Quando a empresa fechou as portas, os prédios contavam com bacias sanitárias, teto de gesso, portas de vidro, armários e arquivos, dentre outros objetos. Tudo isso, porém, foi roubado ou des-

truído pelos bandidos, que comprometeram também a estrutura dos edifícios".

O líder comunitário afirmou também que, com a saída dos criminosos, os novos ocupantes acabaram contribuindo para aumentar a segurança na área. Quando receberam a comunicação sobre a desocupação dos prédios, os moradores, junto com o deputado estadual Paulo Rubem (PT), procuraram a Secretaria de Habitação da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR). Lá, foram orientados a encontrar um terreno próximo

para ser financiado com recursos da Caixa Econômica Federal (CEF). "Achamos uma área, mas houve problemas com a documentação e nada foi feito".

O secretário de Habitação da PCR, Antônio Luís Neto, afirmou que a proposta inicial dos ocupantes — a compra do prédio pela prefeitura — não é possível por causa da sentença judicial. Ele explicou que, dentro da atual política habitacional do país, os recursos são cedidos pela CEF. "À PCR cabe somente o papel de intermediária", disse.